

O Tétum, factor de identidade nacional

L u í s C o s t a

TIMOR É UM PAÍS PLURILINGUE ONDE COEXISTEM várias línguas locais, de origem austronésia e papua, com o português durante quatro séculos da administração colonial portuguesa e com o bahasa indonésia durante vinte e quatro anos de ocupação indonésia.

Segundo os trabalhos do Dr. Luís F Thomaz, Dr. Hoffer Rêgo, Pe. Artur B. de Sá, Dr. António de Almeida, e um recenseamento realizado em 1997, pelas Nações Unidas, podemos reconhecer a existência de quinze línguas principais, com referência à sua originalidade linguística e ao número de pessoas que englobam (*Ba'ikenu*, Oe-Kusi Anbenu, povo atoni, grupo austronésio, 14 000 falantes; *Bunak*, Bobonaro, Fatu-Luli, Lebos, Zumalai, grupo papua, 50 000 falantes; *Fataluku*, Lautén, Lospalos, tipo papua, 30 000 falantes; *Galolen*, Manatuto, Laleia, Lacló, grupo austronésio, 50 000 falantes; *Idaté*, Laclú-bar, tipo austronésio, 5000 falantes; *Kairuil* /Midiki, Kairui, 2000 falantes; *Kemak*, Atsabe, Atabae, Maliana, Mape, Kailaku, povo ema, 50 000 falantes; *Lakalei*, Bubu-Susu, Fahi-Nehan, Kaikasa, tipo austronésio, 5000 falantes; *Maka-sae*, Baukau, Laga, Osú, Uatu-Lari, Venilale, tipo papua, 70 000 falantes; *Manbae*, Aileu, Ainaro, Ermera, Hatulia, Maubisi, Remexiu, Same, Turiskain, tipo austronésio, 80 000 falantes; *Naueti*, Uatu-Karbau, Uatu-Lari, tipo austronésio, 1000 falantes; *Raklu'un*, Ataúro, povo adabe, grupo austronésio, 1000; *Tetun*, Alas, Balibó, Batu-Gadé, Dili, Fatu-Berliu, Fatumea, Fohorén, Lakluta, Luka, Soibada/Samoro, Suai, Uekeke, tipo austronésio, 190 000 falantes (o tétum é também falado em Akadirun-Sikun, Atanbua, Besikau, Timor Indonésio); *Tokodede*, Bazar-Tete, Likisá, Maubara, tipo austronésio, 50 000 falantes; *Uaima'a*, Bukoli, Kaisidu, tipo austronésio, 3000 falantes).

Além destas línguas locais há que mencionar, e talvez aceitar como língua local, a presença da língua portuguesa em Timor.



O português começou a marcar a sua presença em Timor desde a evangelização dos frades dominicanos em 1640, desde a implementação do ensino, também a cargo dos missionários, quando o primeiro governador de Timor transferiu a capital de Lifau, Oe-Kusi, para Díli. Segundo o mesmo recenseamento (1997), 2% dos 857 000 habitantes de Timor-leste falam português, não incluindo os 15 000 timorenses na diáspora (Portugal, Austrália e outros países).

Os espíritos críticos podem afirmar que o português é a língua colonial, língua do poder que durante séculos deixou o povo na ignorância, mas foi através da língua de Camões que o mundo teve conhecimento da história da luta, dor e sofrimento da resistência timorense, foi esta mesma língua que fez os corações portugueses sentirem orgulho quando ouviram os

jovens no cemitério de Santa Cruz rezarem as Ave-Marias.

A primeira impressão de quem percorrer Timor e tentar comunicar com os seus habitantes é estar perante uma babélica imagem duma ilha que as razões culturais e geográficas, o relevo e as guerras internas conservaram a sua variedade em relação do grupo dominante – o liurai de Ué-Hali, do reino Belo. O liurai de Ué-Hali ao estender o seu domínio sobre toda a metade oriental da ilha, impôs também a sua língua – o tétum. Desse domínio resultou a imposição dos *datos* de Belo, como casta nobre, e a sujeição de todos os reinos ao liurai de Ué-Hali, consolidada pelo sistema de aliança matrimonial, que tende a manter um funcionamento harmonioso da sociedade. Com a presença de *datos* de Belo, como poder reinante em vários reinos, o tétum tornou-se língua oficial de comunicação.

A posição do tétum como língua franca foi consolidada pela presença dos missionários que, ao aceitarem a conversão ao catolicismo da rainha de Mena e família (1640), da rainha viúva de Lifau e família (1641) e depois da rainha de Luka (1641), reinos falantes de tétum, quando Timor era devastado pelos malaio e mouros de Makásar, adoptaram o tétum como língua de missionação, de oração e de catequese. Foram também os missionários que promoveram precocemente a escrita do tétum com as seguintes publicações: Catecismo *Badak*, 1907; Catecismo *badak* no oração *ba loro-loron*, 1907; Resumo da História Sagrada Português e Tetum (1908); Dicionários de Teto-Português (1900) e Português-Teto (1889); Cartilha Tetum-Português (1916); Método prático para aprender tétum; Texto em Teto da literatura oral timorense (1961).

Todo o timorense, com a excepção das zonas de Lautén e Oe-kusi, anterior à invasão, além da língua do grupo onde nasceu e aprendeu a falar, a sua língua materna, quando entra em contacto com os outros grupos estranhos ao seu, tem que usar o tétum como língua de intercâmbio comercial e social – em suma, como língua veicular. Assim sendo, o tétum funciona como língua de coesão nacional, sendo, ao mesmo tempo, factor de identidade de todos os leste-timorenses.

Por ser o tétum, e não outra, a língua comum de todos os grupos, achamos por bem desenvolvê-lo cada vez mais. Mas desenvolver qual tétum? Para muitos timorenses o tétum é uma língua de «menos valor», pois não está referenciada, estudada, nem internacionalmente projectada como o português, o inglês, o bahasa indonésia. Por outro lado, porque desconhecem muitas palavras e expressões do tétum, sentem-se constantemente obrigados a utilizar termos destas e de mais línguas quando falam entre si. Além disso aceitam a existência de variantes

ditas «mais ricas» ou «mais puras» – *tetun-los, tetun-terik* (... *imi rua simu ba malus tahan ne'e, imi rua hola ba bua balun ne'e, kbuhas no iis atu tun ba imi isin, tun ba imi lolon...*: «... recebi ambos estas folhas de bétel, tomai os dois estes bocados de areca, para que o hálito e o sopro vos penetrem e entrem em todo o corpo...») – e «mais pobres» ou «mais abastardadas» – *tetun-prasa, tetun-Dili* (... *situasaun agora realmente perkupa, tamba agora emar barak maka mate loro—loron kareta coke, falta controla Transito e condotor sira laiha regulamento balun seidauk profesiona...*: «... a presente situação preocupanos realmente, porque agora muita gente morre por atropelamento, falta de controlo de Trânsito, muitos condutores não respeitam as leis, e outros sem profissionalismo...») –, tudo registos que eles próprios não estão em condições de julgar ou, se julgam, os seus juízos baseiam-se no desconhecimento de termos e expressões idiomáticas do tétum.

Desenvolver uma língua significa torná-la capaz de servir os seus falantes em todas as situações de comunicação: oral e escrita, familiar e cuidada, informal e formal. Significa, além disso, torná-la apta a ser língua de ensino, língua de cultura e de ciência, e, a longo prazo, língua de comunicação internacional.

Na conjugação de vontades, ideia do Dr. Artur Marcos e colaboração técnica de Margarita Correia (Departamento da Linguística e Lexicografia, FLUL) e da disponibilidade do autor deu-se origem ao projecto da actualização do Dicionário Tétum-Português.

Ao participar neste projecto, os membros da equipa assumiram os seguintes princípios:

- contribuir para preservar e desenvolver uma língua é um dever dos seus falantes e de todos aqueles que acreditam que uma língua é um factor de identidade de um povo;
- a descrição de uma língua é essencial à sua



© XAVIER GUSMÃO

preservação e ao seu desenvolvimento, sendo o dicionário um instrumento fundamental nessa descrição.

Além disso, a equipa definiu os objectivos fundamentais do Dicionário Tétum-Português como sendo os seguintes:

- facilitar a aprendizagem e o uso do português aos timorenses que pretendessem aprender a língua de Camões;
- facilitar a aprendizagem do tétum por falantes de português;
- facilitar a tradução de textos de tétum para português;
- contribuir para conhecimento e a descrição da língua tétum;
- contribuir para a sua fixação ortográfica;
- contribuir para a sua preservação;
- contribuir para a preservação da cultura e da visão do mundo que a língua tétum traduz;



– constituir um instrumento para a preservação da língua portuguesa.

Sendo o tétum uma língua de reduzida tradição escrita e não existindo uma gramática credível da língua tétum, optou-se por reduzir a informação categorial, não dar quaisquer indicações relativas a género e número, o que se prende com a própria natureza do tétum.

O Dicionário Tétum-Português está longe de ser o dicionário de tétum-português ideal. É,

no entanto, de entre os existentes no seu segmento (entrada, categoria da palavra tétum, equivalente ou perífrase correspondente em português), aquele que apresenta uma melhor actualização, bem como uma maior quantidade de informação.

Para dar seguimento ao desenvolvimento do tétum enquanto língua de comunicação quotidiana, produziu-se um *Guia de Conversação Português-Tétum* (Abril 2002). No *Guia* procurou-se

optar por um tétum que seja continuador do tétum falado pela comunidade, mas fiel à sua própria estrutura e livre de pressões de outras línguas. Isto não significa que se rejeite a influência do português no tétum. Pois é enorme a influência do português no tétum, dada não só a permanência da presença portuguesa como as transformações introduzidas na sociedade timorense.

Para exprimir as novas realidades surgidas na convivência de séculos, o timorense teve que usurpar do português vocábulos novos. Um grupo importante destes vocábulos diz respeito à religião cristã, como *konfesa* (confissão/confessar), *perdua* (perdão/perdoar), *tersu* (terço), *reza* (rezar), *komunga* (comungar), etc. Aparecem muitos termos referentes a estruturas administrativas como *postu* (posto), *koseilu* (concelho), *sekretaria* (secretaria), *repartisaun* (repartição), etc. Algumas palavras de cortesia como *bon dia* (bom dia), *bo noiti* (boa noite), *bo tardi* (boa tarde), *obrigadu* (obrigado), *até depois* (até depois), etc. Alguns verbos como *lamentar* (lamentar), *passiar* (passar), *deskansa* (descansar), *agradese* (agradecer), *tristi* (estar triste), *gosta* (gostar), etc. Numa palavra, no Dicionário Tétum-Português, existem 450 palavras com base portuguesa.

A Constituição de Timor Leste consagrou o Tétum como língua oficial a par da Língua Portuguesa. No entanto, as pessoas continuam a falar de *tetun-prasa/tetun-dili* ou *tetun-terik/tetun-los* ou *tétum-veicular* que, para mim, são designações dialectais.

Portanto, já é tempo de assumirmos a simples designação de Tétum ou Língua Tétum e deixar de mencionar as formas dialectais. Já é tempo de afirmar que não deve ser o tétum falado em Díli a marcar a linha estrutural do tétum. Já é tempo de assumir que a língua tem que estar ao serviço da cultura de um povo real e concreto, portanto tem que ser necessariamente continuadora da língua falada pela

comunidade e deve, quando possível, aproximar-se dela, a fim de enraizar sobre bases seguras e vivas. Para que as bases sejam efectivamente sólidas deve ser fiel à sua própria estrutura e livre de pressões de outras línguas, como o português ou o inglês ou o bahasa indonesiense. A língua comum deve ser mais tétum possível.

O tétum deve ser veículo expressivo comum e válido para todo o povo, voz apta e disponível para as suas manifestações tanto escritas como orais, tanto artísticas como utilitárias. E a sua virtude principal deve ser clara e que qualquer indivíduo possa entender.

Para que o tétum se desenvolva realmente, como língua de coesão e identidade nacionais, é indispensável definir uma norma ortográfica aceite por todos os leste-timorenses através dos órgãos competentes, descrever o funcionamento da língua, quer nos seus aspectos lexicais (através de um dicionário monolíngue de tétum), quer nos seus aspectos gramaticais (através de pesquisas linguísticas diversas que conduzam à realização de uma gramática adoptada como normativa), criar materiais que permitam o ensino da língua a leste-timorenses, falantes ou não de tétum, dotar a língua da terminologia necessária para a transmissão de conceitos científicos e tecnológicos indispensáveis para que o tétum venha a funcionar como língua de ensino das diferentes matérias (Matemática, Ciências, Física, Geografia, História, etc., etc.).

Para que este desenvolvimento seja possível e para que as tarefas possam ser levadas a cabo, é imprescindível que os responsáveis definam como linhas de actuação: criar condições que conduzam ao uso mais alargado do tétum e à possibilidade do uso do tétum na educação formal durante os primeiros anos de escolaridade e proceder à avaliação dos professores quanto ao conhecimento e prática linguística relacionados com o tétum, de maneira que o ensino do tétum não se torne confuso e ineficiente.